



Raimon Pannikar: o mergulho no mistério da alteridade

Faustino Teixeira*

Resumo

O objetivo do artigo é descrever os passos que marcaram o itinerário dialógico de Raimon Panikkar (1918-2010), um dos nomes mais importantes e significativos no âmbito do diálogo inter-religioso e da mística pluralista. Foi pioneiro não só no debate acadêmico sobre o tema, mas também nas experiências inter-religiosas que situam o cristianismo no debate com o hinduísmo e o budismo. É simpática a descrição dada por Maciej Bielawski, autor de uma biografia de Panikkar, quando identifica-o como um “místico do diálogo”. Esta é uma definição que expressa de fato quem foi Panikkar (BIELAWSKI, 2014, p. 292), um predestinado ao diálogo¹.

Palavras-chave: Raimon Panikkar, mistério, alteridade

Introdução

Para os estudiosos do diálogo inter-religioso Panikkar destaca-se como um dos nomes mais profícuos e competentes. Alguém que não apenas se dedicou ao tema desde muito tempo, como viveu experiências de fronteira, avançando em áreas singulares do mistério do outro. Um grande peregrino do diálogo e amante da alteridade. E viveu sua experiência sem muita angústia ou expectativa, com a tranquilidade de alguém que se encontra radicado na experiência cristã mas aberto para viver a experiência da ultrapassagem. Como mostrou com acerto o vaticanista Giancarlo Zizola, Panikkar é

o olho que remexe nas vísceras de nossa época e capta para onde estamos andando, que tipo de história está para morrer e qual outra história está para nascer. Por isso eu o sinto, o sigo, o vivo como o historiador mais adaptado ao nosso tempo. Panikkar é como místico também um anfíbio, filósofo, teólogo, oriental, ocidental, setentrional e meridional, nórdico, do sul, tudo e nada; católico, sim, mas no sentido de *kata holon*, antes de tudo (PANIKKAR, 1993, p. 7-8).

* Faustino Teixeira é doutor em teologia dogmática pelo Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1985). Pesquisador do CNPQ e Professor Aposentado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG.

¹ Como sublinha Maciej Bielawski, Panikkar tinha uma viva curiosidade e uma atração instintiva para com as outras religiões e culturas, mas seu exercício dialogal foi “trabalhado” interiormente: um “trabalho duro, consciente e arriscado”: BIELAWSKI, 2014, p. 287.



Um buscador permanente

Um dos traços que melhor define Raimon Panikkar é o de buscador permanente e apaixonado. Conjuga com sabedoria o amor à vida, a atenção ao cosmos e a abertura ao outro. Encaixa-se bem na definição que ele mesmo cunhou para o ser humano religioso: um buscador e peregrino que caminha com segurança por caminhos inexplorados. Alguém que está aberto e disponível para captar a novidade do cotidiano, em cada um de seus preciosos momentos, sem deixar de lado a herança que traz em sua bagagem. Traduz fielmente a vocação monástica que é a aspiração ao simples (PANIKKAR, 1995). O mistério para ele está em toda parte, o que se requer é saber escutar o seu canto. Há que se deixar abandonar ao inesperado sopro da brisa, vencendo as barreiras impostas pela vontade. Há que viver, simplesmente, deixando fluir a vida em cada instante (PANIKKAR; CARRARA, 2006, p. 61)². O peregrino é alguém que se dispõe a “expor-se a novas paisagens”, a perigos e incertezas. O mergulho no mundo do outro, na realidade distinta, é sempre arriscado. Panikkar fala em “salto mortal”, pois envolve a totalidade da pessoa, com ameaças precisas para a sua auto-compreensão. Esse caminhar faz parte da dinâmica humana:

o senso da peregrinação parece responder a uma profunda necessidade que o ser humano sente de ir além dos limites da experiência ordinária e entrar no misterioso reino do além; e os lugares de peregrinação parecem ter a força de um ímã biológico-espiritual geográfico que atrai os peregrinos para o campo de seu mistério doador de vida (DUQUOC & ELIZONDO, 1996, p. 8).

A peregrinação verdadeira, como indica Panikkar, traduz o caminho para o núcleo da pessoa, para o seu centro. E só está preparado para realizá-la aquele que morreu para o seu “pequeno eu” e está sintonizado com o tempo e aberto para a união com o Si universal (PANIKKAR; CARRARA, 2006, p. 61). Em sua presença na Índia, Panikkar realizou duas importantes peregrinações espirituais: às fontes do Ganges, em 1964 (LE SAUX; BAUMER; PANIKKAR, 1994) e ao monte Kailasa, em 1994 (PANIKKAR; CARRARA, 2006). Sua companheira de viagem, Milena Carrara, pergunta ao mestre, a certa altura, qual a razão de considerarem alguns lugares mais sagrados, já que Deus encontra-se em toda parte. E relata sua explicação:

² Há uma nova edição da obra, atualizada e aumentada : *Peregrinación al Kailasa y al centro de uno mismo*. 2 ed. Barcelona : Luciérnaga, 2018.



Ele me explica que Deus manifesta-se mais vivamente naqueles lugares que foram carregados pela espiritualidade das grandes almas que ali viveram a sua união com Deus; estes ascetas puderam perceber em seu tempo a atração por aqueles lugares, em geral distantes, solitários, desertos, onde a sua sensibilidade soube colher vibrações particulares ou simplesmente onde o silêncio é mais absoluto, *dumia*, de que fala Elias na Bíblia (PANIKKAR; CARRARA, 2006, p. 84).

O caminho do diálogo dialogal

As religiões são também provocadas a viverem uma “interpenetração recíproca”. É um dos temas mais presentes na reflexão de Raimon Panikkar. Trata-se do desafio de uma nova relação entre as diversas tradições religiosas, para além do exclusivismo, inclusivismo e paralelismo. O caminho revela-se na abertura para uma nova dinâmica relacional, que resguarde a particularidade de cada uma das tradições envolvidas. Não é um trajeto simples, mas importante e inevitável, doloroso mas purificador. E por que purificador? Pelo fato de que outros sistemas de crenças e estilos de vida podem completar, corrigir, ressaltar e mesmo transformar o que até então era tido como uma aquisição definitiva (PANIKKAR, 2013, p. 5). Para que se realize com vigor, o diálogo requer uma mudança de compreensão e de atitude. Esse processo não é pontual, mas contínuo e progressivo e envolve abertura e paciência. É um caminho que está sempre se fazendo.

O objetivo proposto “não é chegar à completa unanimidade, ou de misturar todas as religiões, mas sobretudo comunicação, simpatia, amor, complementaridade polar” (PANIKKAR, 2001, p. 71). O diálogo essencial nunca se encerra: não há que se chegar a um objetivo, mas estar sempre em cena. É algo que envolve “comunicação, simpatia, amor, complementaridade polar” (PANIKKAR, 2013, p. 170). Em momentos diversificados, Panikkar utilizou a expressão “ecumenismo ecumênico” para traduzir esse desafio dialogal (PANIKKAR, 2013, p. 65). Para além do ecumenismo tradicional, voltado para a unidade dos cristãos, aponta-se agora para um ecumenismo mais amplo, que estende a dinâmica de abertura para toda a família humana. A sua perspectiva vem definida com clareza:

O objetivo é uma melhor compreensão, uma crítica corretiva e, possivelmente, uma mútua fecundação entre as tradições religiosas do mundo, sem mitigar suas respectivas heranças ou comprometer sua possível harmonia ou as eventuais diferenças irreduzíveis (PANIKKAR, 1996, p. 60).



Esse trabalho ecumênico, em sentido largo, é inesgotável e revelador de possibilidades inusitadas. Requer também muita humildade, pois deve estar animado pela consciência da contingência e do limite. Nenhuma religião é capaz de exaurir o campo da experiência humana e das manifestações do sagrado. A realidade plural está sempre aí a desafiar a compreensão humana. Há que combater incessantemente a sedução da autosuficiência e da *hybris* totalitária, que constituem impedimentos precisos para a abertura ao pluralismo de princípio. Esse “ecumenismo crítico exige magnanimidade, serenidade, humildade e também supõe uma certa consciência mística do caráter inefável da realidade” (PANIKKAR, 1993, p. 1153)³.

É verdade que os cristãos estão empenhados na busca da unidade, mas torna-se cada vez mais claro nesse tempo de pluralismo religioso que a unidade está sempre em processo, traduzindo um esforço comum de adentrar-se no Mistério sempre maior. Mesmo estando convictos do conteúdo fundamental de sua fé, os cristãos

não podem conhecer quais serão os ulteriores desenvolvimentos de sua Igreja; eles não têm acesso aos planos da providência divina; não devem, portanto, agarrar-se a um esquema fixo ou a uma fé congelada. Novos dogmas, formulações renovadas, evoluções reais e progressos são características constantes do cristianismo, como de todas religiões. Ninguém sabe como o cristianismo aparecerá quando as águas da fé unirem-se às de outras religiões para formar um rio mais caudaloso, onde os povos do futuro saciarão sua sede de verdade, bondade e salvação (PANIKKAR, 2008, p.93)⁴.

A perspectiva de um ecumenismo mais ecumênico aflui para um caminho de “diálogo dialogal”, como gosta de expressar Panikkar. Trata-se de um diálogo mais existencial, sem a intenção de convencer ninguém, mas sobretudo compreender o outro e deixar-se enriquecer por ele. Compreender o outro, está aí o grande desafio. E Panikkar avança ainda mais: compreendê-lo como ele mesmo se compreende. É o diálogo como ato de amor: amor o outro como a mim mesmo (PANIKKAR, 2013, p. 71; BIELAWSKI, 2014, p. 289).

³ Panikkar insiste muito nessa dimensão contemplativa do verdadeiro ecumenismo. E adverte: “Quanto mais estamos convencidos de nossas opiniões, tanto mais seremos ‘vencidos’ pelo mistério que nos ultrapassa”: PANIKKAR, 1996, p. 64.

⁴ Em semelhante linha de reflexão, o teólogo dominicano Christian Duquoc assinala que a “obsessão pela unidade” pode abafar o caráter enigmático que preside a assimetria das religiões. Prefere trabalhar com a metáfora da “sinfonia sempre adiada”. As religiões são representadas como “lugares de múltiplas composições, cuja unidade nos escapa”: C.DUQUOC, *O único Cristo*. A sinfonia adiada, São Paulo: Paulinas, 2008, p. 166.



O diálogo requer um olhar peculiar, capaz de perceber na experiência do interlocutor a dinâmica reveladora: o outro é portador de uma “experiência carregada de revelação” (PANIKKAR, 2013, p. 23)⁵. O diálogo requer, sobretudo, uma “atitude de busca profunda, uma convicção de que estamos caminhando sobre um solo sagrado, de que arriscamos nossa vida” (PANIKKAR, 1993, p.1149). É diferente do “diálogo dialético”, que expressa mais uma arena ou disputa intelectual que aponta razões e equívocos dos interlocutores (PANIKKAR, 1998, p. 149; PANIKKAR, 2013, p. 51-54). O diálogo dialogal ou dialógico é sobretudo um “ato religioso” movido por amor. Não pode ter outra motivação senão a partilha de dons e a mútua fecundação. Não pode ser entendido como plataforma para o proselitismo. Ele tem o “seu próprio valor”, sendo auto-finalizado (PANIKKAR, 2013, p. 166)⁶. Nem todos conseguem exercitar esse dom dialogal, sobretudo nesse tempo de pluralismo moderno, onde os conhecimentos auto-evidentes perdem sua plausibilidade. Peter Berger nomeia-os como “virtuosos do pluralismo”, pois lidam melhor com esta perspectiva dialogal, ao contrário de tantos outros que vivem a insegurança de participarem de um “mundo confuso e cheio de possibilidades de interpretação” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 54; BERGER, 2017, p. 33-34).

Panikkar, em particular, tem um grande apreço pelo pluralismo de princípio. Entende o pluralismo e a diversidade como pertencentes “à riqueza da experiência humana” (PANIKKAR, 1998, p. 166). A variedade das religiões, assinala, “contribui para a beleza e a riqueza da condição humana” (PANIKKAR, 2013, p. 38)⁷. Ele chega a afirmar que o pluralismo bem entendido “é um dos melhores aspectos do misticismo” (PANIKKAR, 2013, p. 133). Para entrar nesse caminho requer-se

⁵ Muito rica também a reflexão de Paul Tillich, depois que fez sua viagem ao Japão. Foi quando ocorreu uma abertura inusitada em seu pensamento. Num texto sobre o cristianismo e as religiões, que fazem parte das quatro Bampton Lectures, de 1961, ele assinala que um diálogo verdadeiro entre os representantes das diversas religiões exige alguns pressupostos, e enumera três: cada parceiro deve reconhecer o valor da convicção religiosa do outro, e dar-se conta de que tal convicção funda-se numa experiência de revelação; cada parceiro deve estar bem domiciliado e convencido das posições essenciais de sua religião; devem também buscar um terreno comum onde possa ocorrer verdadeiramente uma conversação frutuosa: Paul TILLICH. *Le christianisme et les religions*. Paris: Aubier, 1968, p. 133.

⁶ E isto foi igualmente reconhecido pelo magistério da Igreja. Veja: PONTIFÍCIO Conselho para o Diálogo Inter-Religioso. *Diálogo e anúncio*. Petrópolis: Vozes, 1991, n. 41.

⁷ Alias, é o que também expressa o papa Francisco em sua encíclica *Evangelii Gaudium* (a alegria do evangelho), n. 230: “A diversidade è bela”.



liberdade interior, bem como a gratuidade de viver uma experiência de partilha e busca de uma verdade que ultrapassa a consciência possível dos próprios interlocutores. Panikkar enfatiza o dado de que não podemos pretender conhecer a nossa própria religião, se não nos movemos para compreender as outras, pelo menos uma outra. Estamos implicados na religião do outro, e vice versa. O que então significa que ser religioso hoje é ser inter-religioso (PANIKKAR, 2013, p. 135 e 30). Como indica Panikkar, o diálogo verdadeiro é “um ato essencialmente religioso”, envolvendo a experiência da contingência, da confiança mútua e da busca comum de um Mistério que a todos transborda (PANIKKAR, 1998, p. 150 e 172)⁸. Há uma dimensão experiencial e mística do diálogo que nem sempre é levada em consideração, mas que é muito importante:

O encontro das religiões tem uma indispensável dimensão experiencial e mística. Sem uma certa experiência que transcende o reino mental, sem um certo elemento místico na própria vida, não se pode esperar superar o particularismo da própria religiosidade, e menos ainda ampliá-la e aprofundá-la, ao ser defrontado com uma experiência humana diferente (PANIKKAR, 1996, p. 156).

O diálogo interreligioso pressupõe o diálogo intra-religioso. É outra das teses defendidas por Panikkar. Esse diálogo intra se dá no interior mesmo das confissões religiosas. Trata-se da tomada de consciência da própria contingência, relatividade e vulnerabilidade. É o essencial “colocar-se em questão”, tão bem acentuado por Agostinho: *quaestio mihi factus sum* (fiz de mim mesmo um problema) (PANIKKAR, 1988, p. 114-115)⁹. O diálogo, diz Panikkar, deve “emergir do mais profundo recesso do nosso ser”. O diálogo intra-religioso é, na verdade, o fundamento necessário para o diálogo inter-religioso (PANIKKAR, 2013, p. 150). O diálogo autêntico requer esse permanente espírito de auto-crítica: “Se não descobro em mim mesmo o cético, o incrédulo, o muçulmano e tantas outras realidades, sinto-me incapaz de entrar em diálogo com os outros” (PANIKKAR, 1998, p. 161)¹⁰. Como mostrou com acerto

⁸ Panikkar chega a afirmar « quem não conhece senão sua própria religião não a conhece verdadeiramente » : PANIKKAR, 1998, p. 74.

⁹ Esse diálogo intra-religioso é aquele que parte de um colóquio interior, consigo mesmo. É uma reflexão que se enraíza numa “ontologia dialógica”, “baseada na convicção de que tudo está relacionado com tudo”. É esta ontologia de base que o impulsionou ao diálogo com as outras religiões e culturas: BIELAWSKI, 2014, p. 291.

¹⁰ Algo semelhante disse Thomas Merton : « Se eu me afirmo como católico simplesmente negando tudo que é muçulmano, judeu, protestante, hindu, budista etc., no fim descobrirei que, em mim, não



Adolphe Gesché, a fé cristã tem necessidade de uma “ausência cristã”, tanto diante dela como em seu próprio interior. A interface do outro ou um “lugar fora de sua residência” torna-se fundamental para a construção da própria identidade. O grande risco é manter a tradição encerrada em si mesma, sem interlocução criadora.

É evidente que é preciso ao cristianismo o *sensus fidelium*, o sentido da fé que os crentes têm, mas é preciso, igualmente, aquilo que chamaria de *sensus infidelium*, o sentido que os não-crentes têm das coisas deste mundo (e mesmo das coisas da fé, pelo espírito crítico que possuem), essa *pars paganorum*, essa parte de paganidade ao lado da *pars nostra*, essa parte exterior, essa ‘impureza’ - no sentido estabelecido anteriormente -, essa impureza da sabedoria que vem em socorro da pureza de seu profetismo, para que este não se torne paroxístico, destruidor, alucinatório. Por que o *sensus infidelium* ? Porque – e é preciso dizer mesmo com o risco de parecer blasfematório – o Evangelho não é suficiente para tudo, não diz tudo sobre o ser humano (GESCHÉ, 2005, p. 136)¹¹.

O diálogo é sempre uma “aventura arriscada”, mas revela-se uma exigência essencial no tempo atual, condição imprescindível para a paz entre as nações. Como sustenta Panikkar, ele é um fato importante, inevitável e urgente, mas também desconcertante e perigoso, pois coloca em questão o fundamento mesmo das próprias convicções. O risco maior é o de perder-se ou se afogar, “pois, literalmente, nesse encontro tocamos o fundo”. Mas há que jogar-se na água e nadar, ainda que as pernas estremeçam e o coração vacile. Desse encontro todos saem purificados, pois ele possibilita compreender a inexaurível profundidade do ser humano e deparar-se com o misterioso enigma que pontua o mundo das diferenças (PANIKKAR, 1996, p. 100-103; PANIKKAR, 2001, p. 30 e 61). Outro traço bonito da reflexão de Panikkar foi a ampliação de sua reflexão dialógica, envolvendo também a Terra: o tema da ecosofia, do diálogo com a terra. Como ele disse: “A Terra não é um mero objeto, mas é também um sujeito, um Tu para nós, com quem devemos aprender a dialogar”

resta muita coisa com que me possa afirmar como católico : e certamente nenhum sopro do Espírito com o qual possa afirmá-lo » : T.MERTON, *Reflexões de um espectador culpado*, Petrópolis : Vozes, 1970, p. 166. E por que Panikkar não se viu enredado em processos no Vaticano ? Bielawski indica três razões : a sofisticação de suas argumentações, seu distanciamento dos círculos do vaticano e das universidades pontifícias, bem como a singularidade da sua interpretação da tradição. Ele transcende o ‘paradigma católico’ sem porém contradizê-lo : BIELAWSKI, 2014, p. 255-256.

¹¹ E ainda: “A fé cristã tem necessidade de ‘ausência cristã’ diante dela, isto é, dessa paganidade de que falamos (alteridade externa), e até, de certa maneira, de ausência cristã nela (alteridade interna), diria mesmo de uma pitada de ateísmo, um pouco, como Ricoeur falava, de identidade de contestação, na qual a contestação pertence à identidade) O ‘dai a César o que é de César’ não é simplesmente uma regra de nossas relações externas à fé, ela pertence ao exercício interno da fé, à sua epistemologia. Toda religião, para não se perder em si própria – e isso é verdadeiro para a fé cristã – tem necessidade de uma interface, de um lugar de passagem, pelo qual possa passar em direção ao outro e propor ao outro passar em direção a ela”: GESCHE, 2005, p. 135.



(PANIKKAR, 2013, p. 146-147). Diz ainda que “a Terra inteira nos diz que nosso destino está ligado (religatum) ao seu” (PANIKKAR, 2013, p. 147). Seguindo uma pista aberta por Teilhard de Chardin, buscou firmar em sua reflexão um “campo de simpatia em escala planetária” (PANIKKAR, 2013, p. 1).

A mística como experiência da vida

Um dos desafios essenciais do tempo atual é responder a um apelo que brota de todas as partes e que se relaciona com a sede radical pela transformação do significado mesmo da vida. Em seus últimos trabalhos, Panikkar dedicou-se de forma intensiva a essa reflexão, dando um espaço significativo ao tema da mística e da espiritualidade. Identificou na “mística cosmoteândrica”, que envolve Deus, Homem e Mundo, o *novum* do terceiro milênio (PANIKKAR, 2008, p. 12). Na visão de Panikkar, a experiência mística envolve toda a realidade, mantendo-se aberta a todos os problemas humanos. É, por excelência, a “experiência do *totum*”, a “experiência integral da realidade”. Ele faz opção pela expressão “realidade” por considerá-la menos problemática e mais neutra, com uma mais decisiva densidade ecumênica. A mística faculta, assim, um “acesso à completa realidade (chame-a Deus, o Tudo, o Nada, o Ser, ou outra coisa) que se nos apresenta na sua plenitude, mesmo que se depois a interpretemos diversamente, em nossa perspectiva concreta, ainda que ela seja indivisa, o nosso acesso é parcial” (PANIKKAR, 2005, p. 59).

Panikkar sublinha que, infelizmente, o tempo contemporâneo perdeu esse senso místico da existência, fixando-se na “epidemia reinante da superficialidade”. Urge recuperá-lo, para que se faculte a essencial harmonização das energias humanas em torno de valores como o Bem, a Beleza e a Verdade. A mística não implica uma fuga do mundo, ou desprezo das realidades terrestres, mas um mergulho ainda mais fundo nas entranhas do real e na tessitura do tempo. A contemplação, diz Panikkar em seu diário, é “um encontro (apuntamento) com a vida” (PAVAN, 2018, p. 175). Trata-se de uma experiência pessoal, mas não individualista, cujas repercussões são vivas, as ressonâncias são vivas, propagando-se como ondas que se espalham sem cessar por todo canto. Enquanto a mística é a “experiência suprema da realidade”, a



espiritualidade é o “caminho para se atingir tal experiência” (PANIKKAR, 2010, p. 21).

A espiritualidade é como uma ‘carta de navegação’ no mar da vida do homem: a soma dos princípios que dirigem o seu dinamismo para ‘Deus’, dizem alguns; para uma sociedade mais justa ou para a superação do sofrimento, dizem outros. Podemos, pois, falar de espiritualidade budista, embora os budistas não falem de Deus; e também de uma espiritualidade marxista, ainda que sejam eles alérgicos à linguagem religiosa. Em seu conceito amplo, a palavra espiritualidade expressa sobretudo uma qualidade de vida, de ação, de pensamento etc., não ligada a uma doutrina, confissão ou religião determinadas, ainda que seus pressupostos sejam facilmente reconhecíveis (PANIKKAR, 2010, p. 24).

O verdadeiro contemplativo, como mostra Panikkar, é alguém marcado por intensa liberdade e pureza de coração. Está voltado atentamente para o tempo, vivendo, simplesmente, inserido na “tempiternidade”, ou seja, na eternidade que se capta em cada momento temporal da existência (PANIKKAR, 2008, p. 57)¹². Sua linguagem tem afinidade com a linguagem poética, sendo capaz de favorecer um olhar distinto sobre o real, captando o que escapa ao olhar superficial. Como mostra Panikkar, o místico com seu “terceiro olho” aberto é capaz de ver Deus em todo lugar. É o que dizia também Eckhart ao indicar que Deus resplandece em todas as coisas (HAAS, 1997, p. 22). Ele traz consigo uma fragrância contagiante, que traduz “o respiro mesmo da vida”. E todo o ser vem envolvido: “Se o teu olho é simples, todo o seu corpo será luminoso”.

Conclusão

Panikkar foi um dos grandes precursores do diálogo interreligioso entre os autores cristãos. Talvez a contribuição mais decisiva que deixou como legado foi de afrouxar os nós do etnocentrismo cristão e favorecer uma nova atitude para com as outras tradições religiosas: de abertura, hospitalidade e acolhida. Mostrou com vitalidade e vigor que o verdadeiro diálogo requer dos interlocutores um profundo respeito e cuidado com o enigma do outro. No diálogo caminha-se sobre um “solo sagrado”, e os interlocutores devem estar desarmados para viver a dinâmica de reciprocidade de dons que esse encontro revela e traduz. Foi um grande “virtuoso do

¹² Como assinala Panikkar, “não é fugindo do tempo – uma vez admitido que seria isso possível – que o contemplativo descobre a dimensão tempiterna. Mas integrando-o completamente na dimensão vertical que constantemente entrecorta a linha horizontal do tempo. A tempiternidade não é a ausência, mas a plenitude do tempo, e esta plenitude não é, certamente, só o futuro”: PANIKKAR, 2008, p. 57.



pluralismo religioso”, um assíduo defensor da diversidade irreduzível e irrevogável que marca o mundo das religiões. Pontuou igualmente a centralidade da dimensão espiritual para o exercício dialogal, enfatizando a importância da humildade, do despojamento e da pureza de coração para a afirmação de uma nova disponibilidade de encontro autêntico com o diferente.

Referências

- BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade*. Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BIELAWSKI, Maciej. *Panikkar*. Una biografia. Barcelon: Fragmenta Editorial, 2014.
- DUQUOC, Christian. *O único Cristo*. A sinfonia adiada, São Paulo: Paulinas, 2008.
- DUQUOC, Christian & ELIZONDO, Virgilio. Peregrinação: ritual permanente da humanidade. *Concilium*, v. 266, n. 4, p. 8, 1996 (Introdução).
- GESCHÉ, Adolphe. *O sentido*, São Paulo: Paulinas, 2005.
- HAAS, Alois M. *Introduzione a meister Eckhart*. Fiesole: Nardini, 1997.
- MERTON, Thomas. *Reflexões de um espectador culpado*, Petrópolis : Vozes, 1970.
- PANIKKAR, Raimon. *Ecosofia: la nuova saggezza*. Per una spiritualità della terra. Assisi: Cittadela Editrice, 1993.
- PANIKKAR, Raimon. *Éloge du simple*. Le moine comme archétype universel, Paris: Albin Michel, 1995.
- PANIKKAR, Raimon. *La nuova innocenza 3*. Sotto il Monte: Servitium, 1996.
- PANIKKAR, Raimon. *Entre Dieu et le cosmos*. Entretiens avec Gwendoline Jarczyk. Paris: Albin Michel, 1998,
- PANIKKAR, Raimon. *L'incontro indispensabile: dialogo delle religioni*, Milano: Jaca Book, 2001.
- PANIKKAR, Raimon. *L'esperienza della vita*. La mistica. Milano: Jaca Book, 2005.
- PANIKKAR, Raimon. *Mistica pienezza di vita*, Milano: Jaca Book, 2008 (Mistica e spiritualità, tomo 1 – *Opera Omnia*).
- PANIKKAR, Raimon. *Vita e parola*. La mia opera. Milano: Jaca Book, 2010.
- PANIKKAR, Raimon. *Dialogo interculturale e interreligioso*. Culture e religioni in dialogo – Tomo 2. Milano: Jaca Book, 2013.
- LE SAUX, H. & BAUMER, O. & PANIKKAR, R. *Alle sorgenti del Gange*. Pellegrinaggio spirituale, Milano: Cens, 1994.
- PANIKKAR, Raimon & CARRARA, Milena. *Pellegrinaggio al Kailasa*. Troina: Servitium, 2006.



PANIKKAR, Raimon. “Religion (Dialogo intrarreligioso)”, in FLORISTAN Casiano. & TAMAYO, Juan José (Eds), *Conceptos fundamentales del cristianismo*. Madrid: Trotta, 1993.

PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. A alegria do evangelho. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

PAVAN, Milena Carrara. *Raimon Panikkar*. L’acqua della goccia. Frammenti dai diari. Milano: Jaca Book, 2018.

PONTIFÍCIO Conselho para o Diálogo Inter-Religioso. *Diálogo e anúncio*. Petrópolis: Vozes, 1991.